



*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

**21 a 24 de maio | 2019**

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

## **A CIRCULAÇÃO DE IMPRESSOS NO BRASIL OITOCENTOS E A PRODUÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS**

Joseane Abílio de Sousa Ferreira (UERN) - joseaneabilio@hotmail.com

Ingrid Karla Cruz Biserra (UEPB) – ingridkarlacruz@gmail.com

Vanderlucia Mamedo Bezerra (GOVERNO DO GDF) – vander-mbz@hotmail.com

### **RESUMO**

Os estudos desenvolvidos sobre a História dos livros didáticos e de outros impressos apontam a importância de investigações acerca da cultura imprensa, destacando tais documentos como ferramentas de disseminação cultural. Para este trabalho temos como objetivo apresentar considerações acerca da circulação da produção didática, em especial a de Geografia e sua relação com a história dessa disciplina escolar no Brasil, no contexto do século XIX e meados do século XX. Para tanto, nosso estudo toma como base teórico-metodológica a História das disciplinas escolares, buscando entender a difusão de uma Geografia escolar que se fez presente nos livros didáticos publicados no período supracitado, os debates educacionais, os processos de produção e autoria desses livros. Neste texto focalizaremos a circulação desses impressos no intuito de compreender, a partir da História da Educação, como este processo se dava tendo em vista as reduzidas possibilidades de se fazer circular ideias e textos em um país com elevado número de analfabetos e pouca comunicação entre as diversas regiões do país. Esta reflexão nos aproxima da ideia de escolarização, entendendo-a como um processo que extrapola os muros da escola e o que está ao seu redor, ou seja, o fenômeno da escolarização como produto e produtor das práticas sociais. Dessa forma, escolher os impressos como fonte ou objeto de pesquisa implica analisá-los como suporte material de práticas de leitura, buscando compreender a sua materialidade, as formas por meio das quais ele chega ao leitor, bem como, seus suportes e meios de circulação. Sobre os estudos que tomam os livros didáticos como fonte ou objeto de pesquisa, destacamos que esses procuram entender tais documentos como suporte material de práticas de leituras, que guardam consigo indícios de um modelo de educação, marcado por uma organização pedagógica que indicava os conteúdos ensinados e as formas de expressão dos textos escritos. Nesse sentido, consideramos que o livro como qualquer outro impresso é um objeto cultural que materializa o saber ensinado, sendo um dos materiais didáticos que se configura como suporte pedagógico e instrumento de memorização dos saberes a serem ensinados.

**Palavras-chave:** Disciplina escolar. Impressos. Livros didáticos.



*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

**21 a 24 de maio | 2019**

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

## **1 INTRODUÇÃO**

Discorrer sobre a circulação dos impressos<sup>1</sup>, no Brasil oitocentista e meados do Século XX, é trazer à tona traços do chamado processo de circularidade cultural, evidenciando as peculiaridades de um país marcado por tentativas de organizar o processo de escolarização que são influenciadas fortemente por um fundo religioso.

Destacamos a década de 1970 como o berço dos deslocamentos e das alterações nas formas de entender os impressos como objetos de estudo para a História da Educação (LUCA, 2010). Na historiografia brasileira, mais especificamente nas pesquisas sobre os anos finais do Império e os anos iniciais da República, tem sido recorrente o uso dos periódicos como fonte documental para analisar os discursos públicos produzidos pela imprensa pedagógica que podem revelar traços da formação da profissão docente, dos saberes escolares, das representações e das identidades cidadãs. Neste trabalho, abordamos, mais especificamente, os saberes escolares.

A imprensa pedagógica, nesse período, era uma instância privilegiada para se apreender como a escola primária foi organizada pedagogicamente, no que diz respeito à formação docente, entre outros temas. Uma questão que interessa mais de perto ao nosso trabalho envolve “[...] as divergências a respeito dos múltiplos significados possíveis de educação e de instrução primária; as distintas representações, apropriações e práticas; os sentidos e as funções atribuídas ao ser professor e professora” (SCHUELER, 2005, p. 381). Sobre esse aspecto, os estudiosos têm percebido que desenvolver pesquisas que possam destrinchar as tramas desse momento da História é fundamental para compreender as estratégias de organização, a civilidade, os modos e a produção de ideias que foram gestadas nesse período e que formam as identidades do nosso país. Apoiadas nessa premissa e visando discutir sobre nosso objeto de estudo, concordamos com as colocações de Sena (2014, p.04), quando afirma:

O olhar atento sobre a imprensa permite verificar as diversas vozes propaladas nele bem como diferentes escritos que se fazem presentes [...] a imprensa nesse período, e em qualquer outro, deve ser considerada como o lugar da recepção e difusão de discursos múltiplos, onde e quando os debates culturais, políticos e literários se criavam e/ou

---

<sup>1</sup> O termo “impresso” foi empregado devido ao período em estudo, já que, na época, tanto os livros quanto outros materiais eram incluídos na modalidade de impresso.



*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

**21 a 24 de maio | 2019**

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

se firmavam através da escrita.

A autora nos convida a ler os impressos do Século XIX como a representação da uma escrita de um tempo, uma vez que “[...] a imprensa no Império se apresenta como o lugar de recepção e difusão do discurso da educação e instrução pública que circulava entre diversos espaços sociais” (SENA, 2014, p. 19). Essa discussão é importante para a História da Educação como um campo de estudo, no sentido de estimular reflexões acerca da produção, da circulação e dos usos dos impressos, por meio da exploração dessas fontes e da lapidação desses achados (NASCIMENTO e ALMEIDA, 2012).

Os estudos desenvolvidos sobre a história do livro e de outros impressos apontam para as investigações sobre a cultura imprensa como

[...] a ponta de um *iceberg* para a apreensão de práticas culturais que circularam nas sociedades ocidentais, pelo menos, nos últimos quinhentos anos, quando os impressos imperaram como principal ferramenta de disseminação cultural (NASCIMENTO e ALMEIDA, 2012, p.24).

Essa citação nos orienta sobre o papel da imprensa no Brasil, no período que estudamos, de difundir as ideias consignadas nos impressos como fundamentais para formar as identidades, os significados e os estereótipos construídos historicamente sobre o que é ser cidadão. Essa colocação nos permite refletir, ainda, sobre a relação da imprensa com o mundo dos livros, quando os tomamos como objetos culturais que perpassam valores e modelos educacionais que foram repassados culturalmente (BITTENCOURT, 2003).

Com base em nossas leituras, observamos que as pesquisas acerca da circulação de livros escolares e outros impressos têm crescido no campo da História da Educação. Entre os pesquisadores, tem sido cada vez mais recorrente analisar os impressos como fontes ou objetos que podem indicar pistas das primeiras iniciativas do processo de escolarização sobre os métodos, as disciplinas escolares e a cultura escolar. No caso das pesquisas voltadas para o livro didático, vimos que há uma tendência crescente de estudos que visam considerar os livros como objetos culturais que conservam pistas de práticas educativas e revelam traços da organização pedagógica de uma época. Todavia, a História da Educação brasileira ainda é carente de investigações sobre o livro didático, o que pode configurar esse impresso como um objeto fértil para o campo. Seja como fonte ou objeto de pesquisa, esse objeto nos possibilita, pelos seus



*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

**21 a 24 de maio | 2019**

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

próprios textos ou a partir do estudo de sua materialidade ou de seus usos, conhecer os saberes e as ideias de determinados grupos sociais (SCHUELER, 2005).

## **2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CIRCULAÇÃO DOS IMPRESSOS E A CONSTITUIÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA**

No Brasil e no mundo, alguns grupos vêm buscando criar acervos de livros escolares para possibilitar tais pesquisas, o que tem surtido efeito, tendo em vista o crescimento delas em vários países e o envolvimento de diversos grupos com temáticas referentes aos livros didáticos.

Em nossas pesquisas, constatamos que muitas instituições ou grupo de pesquisadores que reconhecem a importância do livro como um documento histórico (BITTENCOURT, 1993, 2008; CHOPPIN, 2004;) vêm não só investindo nas pesquisas como também na preservação desses documentos. Dentre os pesquisadores que produzem trabalhos sobre livros escolares, destacamos as contribuições do francês Choppin (2004), tanto no que se refere à história dos livros didáticos quanto à organização de acervos desses documentos históricos. Allain Choppin também criou e organizou o EMMANUELLE, um Banco de dados do Instituto Nacional de Recherche Pedagogique (INPR) da França, que disponibiliza uma consulta ampliada das edições didáticas e dos livros escolares.

No Brasil, adotando como referência o Banco de dados EMMANUELLE e a partir de um convênio com o INPR, foram criados, em 1994, o Banco de Dados do Livro Escolar Brasileiro – LIVRES - e a Biblioteca do Livro Didático, vinculados à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP. Tal projeto tem se empenhado em catalogar e fazer a guarda de livros didáticos<sup>2</sup>. O acesso virtual a esse acervo possibilita ao navegador da internet localizar livros depositados nas seguintes bibliotecas: Biblioteca do Livro Didático da Biblioteca FEUSP; Biblioteca Municipal Mário de Andrade de São Paulo; Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; Biblioteca do Colégio Pedro II – NUDOM - Rio de Janeiro; Biblioteca do

---

<sup>2</sup> Esse projeto tem orientado outros grupos de pesquisadores aqui no Brasil, como o GPCES e o LEMAD, que já mencionamos ao definir os acervos pesquisados.



*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

**21 a 24 de maio | 2019**

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

CEALE da UFMG; Biblioteca do Conjunto da Química da USP; Biblioteca da UNESP - Marília; e na Biblioteca PUC - Minas Gerais.

Outro projeto que segue essa mesma linha é o acervo do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE), vinculado à Biblioteca da Faculdade de Educação da UFMG, que tem como objetivo preservar uma gama de documentos escolares, como livros didáticos e outros suportes didáticos<sup>3</sup>. Ainda nessa mesma perspectiva, temos como exemplo os acervos da Biblioteca do Livro Didático (BLD), da Universidade de São Paulo, que sedia a Biblioteca Virtual do Livro Didático (LIVRES); o Laboratório de Ensino e Material Didático (LEMAD); o Acervo de Cartilhas da UFMG; e a Biblioteca do Grupo de Pesquisa, Ciência, Educação e Sociedade (GPCES), instalada no Centro de Educação, na UFPB. Em âmbito internacional, destacamos as iniciativas da Biblioteca Virtual EMANUELLE, que dispõe de um grande acervo de livros didáticos franceses; a Biblioteca Virtual MANES, que contém um acervo de publicações didáticas da Espanha e dos países da América Latina de língua espanhola; e o Centro Internacional de Cultura Escolar – CEINCE, que realiza atividades de investigativas a partir de três enfoques: memória da escola e do patrimônio educativo, livros escolares e a relação entre a cultura escolar e a sociedade do conhecimento.

Os acervos supracitados vêm contribuindo expressivamente para o desenvolvimento de pesquisas educacionais de caráter histórico e fornece um banco de documentos para as investigações sobre a história das disciplinas escolares e sobre a trajetória da profissionalização dos sujeitos da educação, além de pistas importantes sobre as metodologias de ensino e as práticas escolares do passado, entre outros temas que abrangem seus objetivos.

Apresentados esses acervos, trazemos nossa posição teórica sobre a conceituação do livro didático, ou seja, a partir de que conceito abordamos esse tipo de impresso. E para compreendê-lo, é necessário discutir sobre ele historicamente. Se, durante muito tempo, o livro didático foi exclusivamente um produto impresso, atualmente, ele não se restringe mais a esse suporte. Além disso, o fato de as escolas terem adotados diferentes livros com funções didáticas, como a bíblia, a Constituição, romances, livros de viajantes, contos etc., que não foram

---

<sup>3</sup> Esse acervo é composto de manuais de leitura, arquivos privados, cadernos de professores e de alunos, cartilhas, livros infantis e de literatura, além de alguns cartazes e fotografias que retratam a história e o cotidiano das salas de aula do início do Século XIX até a atualidade.



*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

**21 a 24 de maio | 2019**

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

pensados com essa função, podem também trazer elementos complicadores para a sua conceituação.

Nesta pesquisa, não trabalhamos com livros que não sejam facilmente identificados como didáticos, porquanto eles já foram criados com destino certo, a escola. Já assumimos, no primeiro capítulo, que assim o iremos denominar por causa de suas características, apesar de no período estudado terem outra denominação. Assim, pelo tempo que trabalhamos com esse impresso, temos nos aproximado dos debates sobre seu conceito e já o incorporamos em nossas pesquisas desde a graduação. Entre os debates feitos nos grupos que constituíram os acervos mencionados, destacamos a preocupação em conceituar o termo livro didático. Considerando as várias faces desse suporte pedagógico, o grupo de pesquisadores criador do LIVRES adota o seguinte conceito:

Livros escolares (ou livros didáticos) são todas as obras cuja intenção original é explicitamente voltada para o uso pedagógico e essa intenção é manifestada pelo seu autor ou editor. Nessa concepção se inserem, além dos livros didáticos mais comuns, também denominados de compêndios ou manuais escolares, as obras conhecidas como paradidáticas, coletâneas de literatura produzidas para as escolas e ainda Atlas, dicionários especialmente editados para uso pedagógico<sup>4</sup>.

Devido à abrangência desse conceito e às possibilidades de atualizá-lo de acordo com as condições impostas e com as pesquisas que se pretendem desenvolver e ao uso adequado que já foi feito dele por pesquisadores desse e de outros grupos e, por satisfazer efetivamente a este estudo, adotamo-lo em nossa pesquisa, porque entendemos que ele contempla as diversas modalidades de livros didáticos que selecionamos para as análises. Some-se a isso o fato de já termos trabalhado com ele no GPCES que, com o apoio do LIVRES, passou a adotar tal conceito e os procedimentos de catalogação estabelecidos por seus pesquisadores, principalmente a ficha catalográfica.

Nessa perspectiva, entendemos que eleger os impressos como fonte ou objeto de pesquisa implica analisá-los como suporte material de práticas de leitura, a fim de compreender sua materialidade, as formas por meio das quais ele chega ao leitor, bem como seus suportes,

---

<sup>4</sup> Trecho copiado do Guia de Preenchimento da ficha do Banco de dados da LIVRES, p. 7, elaborado no âmbito do projeto financiado pela FAPESP, Organização de Livros Didáticos, do Centro de Memória da Educação – FEUSP.



*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

**21 a 24 de maio | 2019**

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

meios de circulação e usos. A articulação desses requisitos para pesquisar os impressos nos permite apontar o livro didático como tal suporte. Também entendemos que ele guarda consigo indícios de um modelo de educação marcado por uma organização pedagógica que indicava os conteúdos ensinados, os métodos adotados e as formas de expressão dos textos (NASCIMENTO e ALMEIDA, 2012). Ou seja, o livro, como qualquer outro impresso, é um objeto cultural que corporifica o saber.

Desde sua origem, o livro didático se configurou como um recurso fundamental para a prática escolar. Durante muito tempo, ele se destinou, especialmente, aos professores, que tinham o controle sobre o uso do livro, e suas práticas e conteúdos eram definidos por meio desse recurso didático, que funcionava como uma espécie de currículo, função que pode ser vista até os dias atuais (ALBUQUERQUE, 2009).

### **3 O PROCESSO DE PRODUÇÃO DIDÁTICA NO BRASIL E SUAS PUBLICAÇÕES**

No início do Século XIX, depois da implantação da Imprensa Régia (BITTENCOURT, 2004a), os livros didáticos escritos no Brasil passaram a trazer as marcas de modelos estrangeiros, como, por exemplo, da França e da Alemanha, valorizando o conhecimento sobre esses países, assim como também era comum a adoção de livros didáticos estrangeiros adaptados, traduzidos ou não (FARIA FILHO, 2002a).

Ainda de acordo com Bittencourt (2004a), o segundo momento foi marcado por uma produção legitimamente brasileira (1870 e 1880), quando os ideários liberais educacionais passaram a ser difundidos com mais ênfase nessas obras didáticas, ou seja, eram expressões das propostas de nacionalização que defendiam uma escola laica e brasileira, preocupada com a construção de uma nacionalidade.

É preciso fazer uma ressalva sobre o que afirma Bittencourt (2004a) a respeito da produção de livros didáticos no Brasil, pois, levando em consideração as pesquisas mais recentes sobre esse tema, especificamente na Geografia, vemos que, tanto no trabalho de Silva (2012), quanto no de Maia (2014), é a comprovação de que a produção nacional é relevante, mesmo para o período em que Bittencourt afirma que ela é pequena, ou seja, antes dos anos de 1870. Porém, continuaremos considerando como válida a proposição dessa autora (2004) por dois motivos: primeiro, porque ela trata dos livros didáticos em geral e, não, especificamente



*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

**21 a 24 de maio | 2019**

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

de uma disciplina; segundo porque há nos livros didáticos de Geografia a ampliação do número de publicações brasileiras depois desse período. Além disso, foi introduzida uma Geografia brasileira por brasileiros, como advertia José Veríssimo (1985) sobre essa questão, nos idos de 1890. Assim, entendemos que realmente houve uma transição do primeiro para o segundo período depois dos anos de 1870.

Esse enfoque dado aos ideais nacionalistas pelos livros didáticos foi, durante muito tempo, alvo das pesquisas a respeito desses recursos didáticos. A propósito, Munakata, (2003a, p. 271), discutindo sobre o livro didático no Século XX, afirma:

Nos anos 70 e 80, um gênero literário fez relativo sucesso no Brasil: o que se poderia denominar “As belas mentiras” [...] uma série de pesquisas acadêmicas dedicaram-se a flagrar nos livros didáticos e paradidáticos brasileiros a presença insidiosa da mentira, da manipulação, do preconceito, da mistificação, da legitimação da dominação e da exploração burguesas – em suma, da ideologia. [...] Livro didático (e paradidático) era compreensivelmente objeto de suspeição, do mesmo modo que era suspeita – e não sem razão – toda a organização escolar consolidada pela ditadura.

O sucesso desse gênero literário, denominado de “As belas mentiras” estaria associado às posições políticas de parte da sociedade que julgava ser fundamental discutir sobre a Ditadura Militar no Brasil e criticá-la. Os principais livros didáticos pesquisados foram os de História e os de Estudos Sociais, considerados como objetos de veiculação da ideologia daquele regime político.

A década de 1990 foi a grande reveladora de novas problemáticas para o campo de pesquisa da História da Educação, com destaque para as abordagens sobre livros didáticos. A partir de então, os pesquisadores passaram a considerar o livro como um produto que passa por todo um processo de produção, fabricação e comercialização do mundo editorial, logo, torna-se uma mercadoria produzida para ser vendida (MUNAKATA, 2003).

Como alvo de críticas ou de elogios, o livro didático tem provocado indagações e questionamentos. Essa literatura didática é um tema que possibilita a realização de uma análise interpretativa baseada em enfoques diversificados. Nas leituras que fizemos, identificamos outra questão que diz respeito ao livro didático, ou seja, os usos que se faz dele. Há mesmo divergências entre os professores quando se trata dessa questão. Bittencourt (2008, p. 13), em suas pesquisas, descobre, inclusive, contradições entre os professores em relação ao uso desses



*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

**21 a 24 de maio | 2019**

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

recursos didáticos na escola básica ao enfatizar que, “para uma parcela de professores, o livro didático é considerado um obstáculo ao aprendizado, instrumento de trabalho a ser descartado em sala de aula. Para outros, ele é material fundamental ao qual o curso é totalmente subordinado”.

Compreendemos que a obra didática carrega uma série de particularidades e características que são próprias desse tipo de literatura. O livro didático tem passado por grandes modificações por ser um produto cultural que tem dado um retorno financeiro significativo às editoras, considerando esse consumo em nível nacional, por causa do grande número de escolas públicas e de alunos que têm acesso à escola na atualidade. Salles (2010, p. 09 e 10) enfatiza que:

[...] o livro didático pode ser caracterizado, ainda, enquanto produto mercadológico, uma vez que está inscrito em uma lógica mercantil de produção e circulação, obedecendo, desse modo, às técnicas de fabricação e comercialização, inerentes ao processo de mercantilização. Tal perspectiva vem ganhando espaço em produções acadêmicas, ainda mais porque o livro escolar representa, desde algum tempo, um importante ramo para as editoras, e é, hoje, indubitavelmente, a atividade mais rentável do setor editorial brasileiro, cujo maior comprador é o Estado.

Como pudemos perceber, o livro didático deve ser entendido como uma mercadoria que é produzida de acordo com as influências do mercado editorial. Pesquisas recentes demonstram que essa relação interfere no resultado final do livro escolar e na construção do saber escolar<sup>5</sup>.

Como bem afirma Jean Hébrard (1999), o livro didático, tanto estudado a partir das práticas de ensino voltadas para o ensino oral (escutar, memorizar, recitar) quanto como guia didático em forma de texto escrito, que trazia, ao mesmo tempo, uma identidade religiosa e cultural por meio de perguntas e respostas, possibilita-nos pensar sobre o traçado de uma história eternizada nas páginas, nos indícios de saberes e nas práticas educacionais postas em circulação no Brasil dos oitocentos e nos anos iniciais do Século XX.

Podemos dizer que, dentro do projeto civilizador, os livros didáticos faziam parte dos objetivos voltados para as ações da educação e contribuíam para fazer circularem culturas, hábitos e valores que deveriam ser externados e adotados como prática de um bom cidadão

<sup>5</sup> A respeito das pesquisas que trabalham o livro didático como um produto mercadológico, consultar: Gatti Jr. (2004) e Munakata (1997).



*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

**21 a 24 de maio | 2019**

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

(BITTENCOURT, 2008). Em outras palavras, os livros didáticos estavam impregnados dos ideários da escola e da imprensa que detinham o controle do conhecimento (BITTENCOURT, 2003).

Chamamos à atenção para o papel da imprensa como um espaço de circulação de ideias de cima para baixo e como um movimento que ocorria de baixo para cima, o que justifica os questionamentos de Ginzburg, em “O queijo e os vermes” (1987), quando aponta para o conceito de circularidade cultural. Aqui cabe apontar os diálogos estabelecidos entre o Brasil e outros países, não só para entender o Brasil como um país influenciado, mas também para perceber sua influência cultural em outros países.

Retomamos a questão da nacionalidade para afirmar que esse tema era recorrente nos impressos, em que se falava da necessidade de unificar a nação e de criar uma identidade nacional. Os jornais, os periódicos, as revistas, os livros escolares e outros impressos eram produzidos com a finalidade de gestar na população a ideia de pertencimento à nação, de constituir um território nacional e de falar um idioma nacional.

Nesse sentido, procuramos refletir, mesmo que brevemente, sobre a circulação dos impressos, buscando pensá-los como objetos culturais que, em seu tempo, foram produzidos por uma elite pensante, para difundir modelos, práticas, valores e comportamentos necessários para a sociedade da época. O propósito principal dessa discussão é de levantar questões, dúvidas, indagações e desconfiças a respeito de como os impressos estiveram presentes de forma direta ou indireta nas práticas culturais do Brasil.

#### **4 CONCLUSÃO**

Em nossas considerações sobre esse período histórico, procuramos fazer questionamentos acerca da finalidade dos impressos e sobre o papel da imprensa de promover, em seu tempo e a seu modo, a circulação da cultura, ou seja, o registro da História. Os impressos tinham a função de propagar os modos como o povo era civilizado e instruído e de discutir sobre eles. Ou seja, difundir regras de bons costumes e hábitos de bom cidadão.

No que se refere aos trabalhos com os materiais didáticos no Século XIX, partimos do pressuposto de que eles eram pensados para iluminar e formar ideias, isto é, nesse período, as produções tinham, entre outras finalidades, a de imprimir a ideia de pertencimento ao Brasil.



*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

**21 a 24 de maio | 2019**

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

Convém lembrar que, nesse momento, era preciso unificar a língua e imprimir os ideais iluministas.

Historicamente, os livros didáticos podem ser compreendidos como textos e impressos que agrupam fatores de natureza social e política. No caso do período que estudamos, é evidente a atuação do Estado como uma instituição que influencia diretamente a produção desse tipo de livro (BITTENCOURT, 2008).

Isso nos faz pensar sobre o lugar de produção dos manuais didáticos, as concepções e os conhecimentos neles compilados com base em posicionamentos teóricos e nos processos formativos institucionais, entendidos como um movimento que está diretamente envolvido nesse processo de produção. Nos textos produzidos nos livros, as práticas do exercício da profissão e da experiência pedagógica são associadas aos saberes emergentes que ganham significados e sentidos próprios da arte de expressar a escrita e os modos de emprego de ideologias.

### **ABSTRACT**

The studies carried out on the history of textbooks and other printed materials point to the importance of research on press culture, highlighting such documents as tools for cultural dissemination. For this work we aim to present considerations about the circulation of didactic production, especially Geography and its relation with the history of this school discipline in Brazil, in the context of the 19th and the 20th century. In order to do so, our study takes as a theoretical-methodological basis the History of the school disciplines, trying to understand the diffusion of a school geography that was present in the didactic books published in the aforementioned period, the educational debates, the production processes and authorship of these books. In this text we will focus on the circulation of these forms in order to understand, from the History of Education, how this process occurred given the limited possibilities of circulating ideas and texts in a country with a high number of illiterates and little communication between the regions of the country. This reflection brings us closer to the idea of schooling, understanding it as a process that extrapolates the walls of the school and what is around it, that is, the phenomenon of schooling as a product and producer of social practices. Thus, choosing the printed material as the source or object of research implies analyzing them as material support of reading practices, seeking to understand their materiality, the ways in which it arrives at the reader, as well as their media and means of circulation. Regarding the studies that take the textbooks as a source or object of research, we emphasize that these seek to understand such documents as a material support of reading practices, which carry with them indications of a model of education, marked by a pedagogical organization that indicated the contents taught and the forms of expression of written texts. In this sense, we consider that the book like any other printed is a cultural object that materializes the knowledge taught, being



*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

**21 a 24 de maio | 2019**

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

one of the didactic materials that is configured as pedagogical support and instrument of memorization of the knowledge to be taught.

**Keywords:** School discipline. Printed. Didactic books.

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Livro didático e conhecimentos históricos: uma história do saber escolar*. Tese de Doutorado em História, USP, São Paulo, 1993.

\_\_\_\_\_. Disciplinas Escolares: história e pesquisa. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. (Org.) et alii. *História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate*. Bragança Paulista, SP: EDUSF/CDAPH, 2003.

\_\_\_\_\_. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). *Educação e pesquisa*. São Paulo, n.3, p. 475-491, set./dez. 2004a, v. 30.

\_\_\_\_\_. *Livro didático e saber escolar (1810 – 1910)*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Revista Educação e Pesquisa*, set-dez, n. 3. Universidade de São Paulo. São Paulo: 2004. pp. 549-566, v. 30.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A tradução como negócio: Rui Barbosa, tradutor do livro “Lições de Coisas”, de N. A. Calkins. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. São Paulo: FAPESP, 2002a.

HÉBRARD, Jean. Três figuras de jovens leitores: alfabetização e escolarização do ponto de vista da história cultural. In: ABREU, Márcia. (Org.) *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras - ALB, São Paulo: FAPESP, 1999.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.

MAIA, Eduardo José Pereira. *A Geografia escolar na Província de Minas Gerais no período de 1854 a 1889*. Tese de Doutorado, Belo Horizonte – MG, 2014.

MUNAKATA, Kazumi. Histórias que os livros didáticos contam depois que acabou a ditadura no Brasil. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.) *Historiografia brasileira em perspectiva*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, p. 271-296, 2003a.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do e ALMEIDA, Mirianne Santos de. Circulação de impressos no Brasil: considerações sobre os catecismos protestantes. In: BERGER, André Miguel (Org.) et alii. *Imprensa, impressos e práticas educativas: estudos em*



*Intelectuais na História da Educação:  
trajetórias, espaços e contextos*

**21 a 24 de maio | 2019**

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga  
São Luís - MA | Brasil*

História da Educação. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

SENA, Fabiana. *Imprensa e instrução pública no Império: o modo epistolar nos jornais do Rio de Janeiro e da Paraíba*. Revista Brasileira de História da Educação, 2014.

SCHUELER, Alessandra Frota de. Representações da docência na imprensa pedagógica na Corte Imperial (1870-1889): o exemplo da Instrução Pública. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, n. 3, p. 379-390, set./dez. 2005, v. 37.